

POR QUE OS NÚMEROS IMPORTAM

Há quase um ano, a *Revista Adusp* deu início a um levantamento sobre as fundações privadas vinculadas à USP. Dadas as dimensões da tarefa, resolveu-se que o dossiê seria publicado em três edições consecutivas. Ao publicar a terceira e última parte do dossiê, é indubitável reconhecer que foi possível desvendar, ao longo desses meses, parte significativa do *modus operandi* das fundações privadas.

O conhecimento de como se constituem e agem essas entidades cresceu pela ação de diversos fatores, em especial dos meios de comunicação e do poder legislativo.

Sabe-se hoje, com base em sólida documentação, que certas fundações privadas, legalmente tidas como sem fins lucrativos e por isso possuidoras de isenção fiscal, assumem a condição de empresas, sempre que necessário e conveniente para elas. Mais: que podem ser, elas próprias, proprietárias de empresas.

Sabe-se, igualmente, que a parte substancial da receita das principais fundações origina-se no setor público, pois este contrata cursos, projetos, consultorias, cede o controle de verbas públicas (como as do Sistema Único de Saúde) e ainda tolera a cobrança de taxas de gestão.

Sabe-se que repassam à USP, por força das resoluções da Reitoria que normatizam os convênios, quantias quase sempre inferiores aos superávits anuais que obtêm e sempre muito inferiores aos valores apropriados pelos docentes envolvidos na venda de serviços aos setores público e privado. Portanto, sabe-se que, como disse o professor Ciro Correia, presidente da Adusp, em audiência pública na Assembléia Legislativa, “as fundações privadas não financiam a USP”.

Sabe-se que os controles são ineficientes, tanto que a Reitoria levou meses para divulgar os dados oficiais sobre repasses, que deveriam ser contabilizados desde 1998, em contas específicas. Descobriu-se que desde 1989 é descumprida uma decisão da 784ª sessão do Conselho Universitário que obriga as fundações a submeterem a esse colegiado relatórios anuais. Por outro lado, verificou-se que pelo menos 24 dos 105 membros do CO são ligados a fundações privadas.

No decorrer desse período, nossos repórteres ouviram, mais de uma vez, dirigentes de fundações dizerem não entender a insistência em obter dados financeiros: “não sei por que essa informação seria importante para você”. Mas sabe-se que as entidades sabem, sem dúvida, por qual razão os números importam. Do contrário, não se recusariam a fornecê-los.

☆☆☆

Os eventos revolucionários que sacudiram Paris em 1871 são objeto dos artigos que abrem esta edição. Os professores Osvaldo Coggiola e Paulino Orso examinam a Comuna de Paris pelo prisma da educação. O professor Marcos Silva a enxerga pelas lentes de Rimbaud, o poeta que simpatizou com os assaltantes do céu e aderiu literariamente à Comuna.

☆☆☆

O professor Ciro Correia deixou o Conselho Editorial, em razão de haver assumido a presidência da Adusp. Também deixou o Conselho o professor Amilton Sinatora, por motivos de ordem pessoal. A ambos, que desde 1999 colaboravam com a *Revista Adusp*, nossos agradecimentos.

Ingressam no Conselho, após terem seus nomes submetidos ao Conselho de Representantes da Adusp, os professores Hélio Morishita e Osvaldo Coggiola.